

AS RELAÇÕES URBANO-RURAIS E O DESENVOLVIMENTO GEOGRÁFICO DESIGUAL:

transformações espaciais nas localidades de Vargem Grande (Teresópolis - RJ) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo - RJ)

Bernardo Aguedaⁱ

Doutorando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações espaciais e as novas relações urbano-rurais nas localidades de Vargem Grande (Teresópolis-RJ) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo - RJ) a partir dos desenvolvimentos geográficos desiguais. O estudo das relações entre rural e urbano ganha contornos específicos no atual contexto de metropolização do espaço. As mudanças no campo, com o crescimento de atividades não-agrícolas e a diversificação dos sujeitos que atuam neste espaço, operam na construção de novas espacialidades, complexificando o rural em meio a uma mistura de símbolos, imaginários e representações. Tais transformações serão analisadas por uma perspectiva dialética, apreendendo o espaço a partir de uma abordagem centrada nos desenvolvimentos geográficos desiguais e tendo nas representações elementos mediadores para assimilar as múltiplas escalas articuladas na produção do espaço. O bairro de Vargem Grande e a localidade rural de Barracão dos Mendes são destacados como exemplos da heterogeneidade dos “espaços em metropolização”, constituindo arranjos particulares em meio à conjuntura de integração e ruptura própria da dinâmica fluida da acumulação do capital. Assim, dentre as inúmeras manifestações, o preço da terra, o padrão da renda familiar e as representações do espaço serão analisados enquanto evidências da transformação das relações urbano-rurais neste contexto de metropolização, tendo em vista os efeitos da expansão do fenômeno urbano-metropolitano para além das fronteiras das cidades.

Palavras-chave: Desenvolvimentos geográficos desiguais; relações urbano-rurais; representações; metropolização do espaço.

ⁱ *Endereço institucional:*
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22451-900
Endereço eletrônico:
bernardoagueda@gmail.com

**URBAN-RURAL RELATIONS AND UNEVEN
GEOGRAPHICAL DEVELOPMENT: SPATIAL
TRANSFORMATIONS IN THE LOCATIONS OF
VARGEM GRANDE (TERESÓPOLIS - RJ) AND
BARRACÃO DOS MENDES (NOVA FRIBURGO -
RJ)**

Abstract

This dissertation aims to analyze the spatial transformations and the new urban-rural relations in the localities of Vargem Grande (Teresópolis-RJ) and Barracão dos Mendes (Nova Friburgo-RJ) from the perspective of uneven geographical developments. The study of the relations between rural and urban gains specific contours in the current context of metropolization of space. The changes in the countryside, with the growth of non-agricultural activities and the diversification of the subjects from this space, operate in the construction of new spatialities, making the rural complex amidst a mixture of symbols, imaginaries and representations. Such transformations will be analyzed by a dialectical perspective, apprehending space from an approach centered on uneven geographical developments and having in the representations mediating elements to assimilate the multiple scales articulated in the production of space. The neighborhood of Vargem Grande and the rural location of Barracão dos Mendes are highlighted as examples of the heterogeneity of "spaces in metropolization", constituting particular arrangements in the midst of the conjuncture of integration and rupture proper of the fluid dynamics of capital accumulation. Thus, among the numerous manifestations, the price of land, the family income pattern and the representations of space will be analyzed as evidence of the transformation of urban-rural relations in this context of metropolization, considering the effects of the expansion of the urban-metropolitan phenomenon beyond the borders of cities.

Keywords: Uneven geographical developments; urban-rural relations; representations; metropolization of space.

Introdução

O presente artigo é fruto das pesquisas realizadas na dissertação de mestrado intitulada “Relações urbano-rurais e desenvolvimentos geográficos desiguais: transformações espaciais nas localidades de Vargem Grande (Teresópolis – RJ) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo – RJ)”, defendida pelo autor em abril de 2019 como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia, concedido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. As principais temáticas abordadas e inquietações do autor são aqui expressas de forma resumida, como um exercício de retorno às discussões teóricas sobre as transformações espaciais percebidas nas localidades em questão.

Na pesquisa supracitada, nos debruçamos sobre os contornos específicos que adquire o estudo das relações entre rural e urbano no atual contexto de metropolização do espaço. Lidamos com um rural que, ressignificado pela difusão de signos urbano-metropolitanos, agrega novas atividades, formas e funções, arquitetando múltiplas espacialidades, vinculadas a desenvolvimentos geográficos desiguais. As inúmeras mudanças no campo, com o crescimento de atividades não-agrícolas (com destaque para o turismo rural e o veraneio), a adoção de novas tecnologias e formas de comercialização de produtos e a diversificação dos sujeitos que atuam nesse espaço, acompanham novas representações do espaço rural e da vida no campo, numa mistura complexa de urbanidades e novas ruralidades que, por sua vez, impossibilita qualquer perspectiva fragmentária e dualista sobre estes espaços. As interrelações contraditórias inerentes à dialética do rural e do urbano, compreendem transformações físicas, simbólicas (sobretudo vinculadas às representações do espaço), de ordem técnica/tecnológica, de ordem econômica e, ainda, de ordem social, constituindo espacialidades híbridas e heterogêneas, mas que estão imersas nos processos mais amplos associados à planetarização do fenômeno urbano, concernente à totalidade das relações sociais de produção.

Destaca-se, de início, que são infinitas possibilidades de interações e um conjunto variado de dimensões implicadas na transformação das relações entre urbano e rural. Assim, não almejamos apresentar uma análise aprofundada que contemple todas as características e modificações das localidades estudadas e muito menos realizar um exame descritivo das mesmas. Também não se trata de uma apreensão detalhada de um ambiente particular e nem uma pesquisa voltada aos aspectos materiais das mudanças ou a eventos e episódios específicos. Justamente pela intrínseca associação entre teoria e empiria, analisar as transformações espaciais nas localidades estudadas é analisar as mudanças nas percepções, nos imaginários criados, na (re)construção de representações e identidades territoriais, assim como a forma com que todos estes aspectos são abordados na produção do conhecimento científico.

Por este motivo, optamos por analisar o espaço através dos desenvolvimentos geográficos desiguais, o que constitui um enorme desafio. Tal perspectiva, cujas

formulações teóricas são ainda relativamente pouco desenvolvidas, imediatamente põe em xeque as tradicionais interpretações dicotômicas acerca destas parcelas do espaço. Discorrer sobre o espaço urbano e o espaço rural com ênfase na oposição torna-se impróprio em uma análise que subverte os limites e escalas convencionais. Interpretações que ultrapassem os recortes arbitrários implementados tornam-se cada vez mais necessárias, uma vez que as territorialidades manifestadas não estão restritas às demarcações e distinções costumeiramente adotadas. De maneira alternativa, acreditamos ser importante estudar as transformações espaciais por meio das dinâmicas de diferenciação/desigualização e hierarquização do espaço, integrando a produção de escalas espaciais e a produção da diferença geográfica enquanto componentes da produção capitalista do espaço.

A noção de totalidade aberta – e em constante movimento –, concebida em meio às particularidades e diferenças, é fundamental para a apreensão da urbanização planetária a partir de suas mediações multiformes. É esta concepção que corrobora a visão universalista de Henri Lefebvre, que tem como ponto de partida a crítica à reprodução do capital. Nesse sentido, almejamos incorporar a perspectiva universalista do autor e, conseqüentemente, a concepção de totalidade aberta, fundamental para a compreensão da interdependência universal do processo de reprodução do capital e, também, do urbano (LENCIONI, 2017, p. 15).

É importante ressaltar que, se sujeito e objeto existem em situação de interação dialética, “estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural, etc” (CIAVATTA, 2014, p. 195). Ao mesmo tempo, concordamos com Mészáros, que nos lembra que “a totalidade social existe por e nessas mediações multiformes por meio das quais os complexos específicos – isto é, as ‘totalidades parciais’ – se ligam uns aos outros em um complexo dinâmico geral que se altera e modifica o tempo todo” (MÉSZÁROS, 2013, p. 58). Portanto, se não perdemos de vista o âmbito mais geral, do desenvolvimento do capitalismo, da expansão de determinadas relações sociais de produção, de comportamentos, padrões de consumo e atitudes compartilhadas, sem dúvida é possível apreender também manifestações diversas do processo, leituras

particulares em cada local, ou, de maneira simplificada, vários tipos de urbanização no rural, de urbanos e de rurais, com representações e práticas espaciais distintas.

É sobre a diversidade de configurações vinculadas ao processo de metropolização que nos dedicaremos no presente trabalho, ou seja, nos imbuiremos da tarefa de analisar de maneira breve as transformações espaciais e as novas relações urbano-rurais no atual contexto de metropolização do espaço, sobretudo a partir dos exemplos de duas localidades da Região Serrana do Rio de Janeiro: Vargem Grande (Teresópolis) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo). Tais exemplos são marcados por contatos distintos e arranjos particulares que certas localidades constituem com a metrópole, resultando em diferentes manifestações das dinâmicas de integração e ruptura próprias da dinâmica fluida da acumulação do capital.

A transformação das relações entre urbano e rural em um contexto de metropolização do espaço: Urbanidades e ruralidades nas localidades de Vargem Grande e Barracão dos Mendes

Os efeitos da metropolização do espaço (ou da difusão do urbano pelo fenômeno metropolitano) são notáveis em diversas áreas rurais no Rio de Janeiro. Se a lógica do capital financeiro torna-se hegemônica para além da metrópole, configurando uma nova fase da urbanização que transforma profundamente o território, sobretudo através da difusão de códigos urbano-metropolitanos, vemos também, de maneira associada, uma expansão do capital imobiliário para novas áreas através dos chamados eixos de “maior adensamento de urbanidades” (RUA, 2002). A paisagem rural é revalorizada nesta conjuntura, atraindo investimentos e fornecendo renovados escoadouros lucrativos para o capital. Se a lógica urbana se manifesta enquanto crise, a ruralidade aparece enquanto refúgio. De maneira interligada e contraditória, essa ruralidade - o conteúdo social diferenciado do rural - é transformada, mercadificada, incorporada ao urbano enquanto escala mais ampla da produção capitalista do espaço. Assim, cada vez mais percebemos as atividades de turismo e veraneio exercendo influência significativa - sobretudo no que se refere aos municípios de Teresópolis e Nova Friburgo - e evidenciando a integração do espaço a partir da metropolização, num processo de “derramamento de características

metropolitanas por uma vasta região metropolizada na qual se percebem aquelas transformações” (RUA, 2017, p. 458). As novas formas de se explorar a renda da terra no chamado “regime de acumulação patrimonial” (AGLIETTA, 1998 apud LENCIONI, 2016), a especulação imobiliária, a transformação das atividades econômicas e os processos espoliativos, em geral, constituem um conjunto de dinâmicas verificadas em diferentes localidades no momento atual, na busca de novas fronteiras para a acumulação capitalista. Trata-se da forma contemporânea de hegemonia do capital, da conjuntura atual de acumulação e de redefinição da relação de subordinação capital/trabalho.

Nas áreas rurais da Zona Serrana, misturam-se as facetas do chamado “pós-produtivismo rural” (HALFACREE, 2007), configurando arranjos variados entre as localidades rurais, as representações formais do rural e os cotidianos rurais, numa constelação particular de relações sociais. Tais relações se manifestam a partir de processos como a elevação do preço da terra (assim como das mercadorias e dos serviços), a alteração do padrão da renda familiar (a significativa diversificação das atividades e fontes de onde deriva o orçamento das famílias) e uma profunda mudança nos hábitos, comportamentos e representações do espaço que são construídas (sobretudo a partir do crescimento de atividades não-agrícolas e do afastamento/desvinculação da realidade rural por parte dos habitantes). Intrinsecamente correlacionadas, tais manifestações – ou “urbanidades” – destacam-se enquanto evidências da transformação das relações urbano-rurais neste contexto de expansão do fenômeno urbano-metropolitano para além das fronteiras das cidades.

Assim, dentro da Região Serrana - e inclusive no mesmo eixo de transformações, ou eixo de “adensamento de urbanidades” a partir da RJ130 (RUA, 2002), uma importante rodovia que corta Teresópolis e Nova Friburgo - percebemos rurais com características completamente diferentes, que impossibilitam qualquer definição homogênea da área. Estes municípios supracitados, que constituem dois dos mais economicamente dinâmicos da Região Serrana, são marcados pelo forte contato com elementos materiais e imateriais das chamadas “urbanidades no rural”. É notável em ambos o crescimento do setor de serviços e o aumento do preço da terra

de forma geral. Entretanto, para além da proximidade física e do relevante eixo rodoviário que os atravessa, a transposição de valores urbanos para o mundo rural se realiza por vezes de maneiras profundamente distintas e em diferentes temporalidades.

Enquanto manifestação notável das contradições intrínsecas às relações entre rural e urbano na atualidade, o bairro de Vargem Grande – primeiro local ou base empírica de onde partiram nossas inquietações – sobressai dentre outras localidades da região devido à aparente “mistura desordenada de tempos”. Condomínios de luxo, com equipamentos avançados de segurança, elevada infraestrutura, muros e cercas elétricas, dividem a paisagem como vizinhos imediatos de pequenas propriedades agrícolas, onde antigas famílias de agricultores trabalham produzindo alface, rúcula, e outros produtos hortícolas e olerícolas. Pequenas hortas familiares, com casas pequenas e de arquitetura simples são agora limítrofes a guaritas com moderno sistema de vigilância, que nos passam a sensação de sempre ter alguém vigiando. Representações de novo, velho, simples e rebuscado se confundem na miscelânea peculiar que constitui a paisagem do bairro. Tal contraste, fortemente influenciado em um primeiro momento pelas perspectivas particulares do autor deste texto, foi revelando-se aos poucos menos espantoso e mais ilusório, uma vez que exprimia a integração do espaço em uma escala mais ampla, associada ao desenvolvimento geográfico desigual.

Desse modo, o bairro de Vargem Grande, tradicionalmente rural e composto por pequenas propriedades agrícolas, é hoje considerado um dos três núcleos da área de expansão urbana do município. No bairro é notável a expansão de empreendimentos voltados para o turismo, além de condomínios fechados de alto padrão, que ganham proporções antes inimagináveis. Também é nítida a diminuição de propriedades voltadas à atividade agrícola, que ainda assim, constitui-se em um elemento marcante na paisagem. É ela, sobretudo enquanto cenário, enquanto principal componente de um imaginário idílico, que vende a beleza paisagística como atrativo para os hotéis e empreendimentos turísticos.

Dentre eles, destaca-se o Hotel Le Canton, que exerce centralidade significativa na região ao criar simulacros da vida no campo a partir de representações

associadas aos imigrantes suíços. Sendo um dos principais núcleos atrativos da atividade turística não só do bairro, mas de toda a Região Serrana, o hotel torna-se também um dos maiores responsáveis pela “valorização”/precificação da terra. Dividido em diferentes áreas de hospedagem, o hotel cresce a cada ano, agregando novas acomodações e ambientes de lazer. Juntamente a ele, instalam-se progressivamente casas de veraneio, chalés e pousadas, que atendem, essencialmente, a população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com novas atividades, serviços e equipamentos urbanos verificados a cada visita realizada, a localidade exprime uma transformação da paisagem e das relações sociais em um ritmo extremamente acelerado.

Inicialmente abordada sob o enfoque da geografia agrária, a pesquisa no bairro foi progressivamente revelando limitações nesta perspectiva. A agricultura, até então o elemento medular da investigação, mostrou-se cada vez mais insuficiente como parâmetro de análise das mudanças na localidade. Diversas áreas rurais da Região Serrana Fluminense, por exemplo, passam a se caracterizar pelo crescimento expressivo de atividades terciárias e pela diminuição das atividades agrícolas, sem deixar de reunir características rurais. Cada vez mais tornava-se necessária a compreensão de que o aspecto de distinção do rural e da ruralidade não deve ser apenas calcado nas atividades econômicas que lá predominam ou em seu posicionamento de oposição ao urbano, mas na “multiplicidade de espaços sociais que constitui” (CLOKE, 2006, p. 18, tradução nossa) e nas mudanças geradas pela expansão e contato com o urbano.

Para além da distinção entre o rural e o agrário, percebia-se um espaço fragmentado, hierarquizado e permeado por diferenças e desigualdades, ao passo em que é crescentemente integrado por símbolos, códigos e modos de vida urbano-metropolitanos. Reside nesta contradição a chave da complexidade dos “múltiplos rurais” que identificávamos na Região Serrana Fluminense, expressos em efeitos distintos da metropolização do espaço, enquanto processo dominante nos tempos atuais. Os aspectos materiais e imateriais das mudanças mesclam-se na construção de novas espacialidades, híbridas, resultantes da relação dialética entre integração (pela escala mais ampla da mercadoria e da reificação, pelos códigos urbano-

metropolitanos) e ruptura (onde percebemos um espaço essencialmente fragmentado, marcado por um nítido contraste entre as territorialidades impostas pelas representações hegemônicas e as territorialidades referentes aos habitantes locais). Tal dinâmica de integração/ruptura aparece com mais clareza quando efetuamos uma comparação com a segunda área trazida como base empírica do estudo.

Situada no município de Nova Friburgo, próxima à divisa com Teresópolis e à RJ-130, a localidade rural de Barracão dos Mendes não apresenta, na aparência, quase nada que se assemelhe ao bairro de Vargem Grande. Trata-se de uma localidade ainda basicamente agrícola, marcada pelo elevado número de produções em estufas, e que até poucas décadas mostrava-se significativamente isolada da cidade e das urbanidades. Antigo entreposto de comercialização de produtos agrícolas – de onde decorre o nome do local –, ainda tem na agricultura o elemento central sob o qual giram as transformações espaciais. O ritmo da vida cotidiana é outro e o número de construções e serviços oferecidos é quase insignificante quando colocamos as duas localidades em comparação. Em Barracão dos Mendes, as transformações associadas a um contexto de metropolização do espaço são consideravelmente mais recentes do que as do primeiro bairro mencionado.

Um dos marcos recentes da transformação, como destaca João Rua (2017), são as fortes chuvas de 2011, que tiveram um intenso impacto no local. A partir delas, a área passa a ganhar maior destaque em estudos e relatórios nacionais e internacionais de infraestrutura e hoje já se mostra consideravelmente integrada aos costumes urbano-metropolitanos, ainda que com precariedades significativas, principalmente no que se refere às ofertas de serviços básicos nos setores de saúde e educação. As catástrofes climáticas também redefinem os usos do espaço e as representações da natureza, abrindo novas possibilidades de espoliação e escoamento de excedentes na dinâmica de reprodução ampliada do capital. Mantendo o caráter predatório da ocupação do espaço, o que ocorre em Barracão dos Mendes é uma integração que se dá notadamente pelo consumo. Sem o mesmo apelo turístico de Vargem Grande e ainda que com todas as precariedades identificadas, serviços de televisão, Internet, celular, supermercados e elementos da moda chegaram com força na área.

Se na aparência quase não há aspectos semelhantes entre os dois exemplos destacados, na essência correspondem ao mesmo processo, em momentos distintos e constituindo diferentes espacialidades. É possível dizer que são dois espaços profundamente influenciados pela metropolização - portanto, “espaços em metropolização” -, ainda que localizados para além dos limites da Região Metropolitana, ou seja, referimo-nos aos efeitos da “explosão da metrópole” nestas localidades, uma metropolização difusa, dispersa e muito associada a valores e símbolos advindos da metrópole.

Estas localidades são exemplos empíricos para analisar as relações entre a metropolização do espaço e localidades rurais. Relações que, ainda que recentes, se manifestam de variadas maneiras, com configurações próprias de conexão com a metrópole e em temporalidades distintas. Relações que, portanto, são frutos do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo. E, por fim, relações que, em meio às variáveis interações com o urbano, fornecem novos aportes às próprias teorias e instrumentais analíticos que utilizamos.

É interessante perceber que, dentro de uma mesma região, Vargem Grande e Barracão dos Mendes são trazidos como exemplos para pensar as distintas configurações que são constituídas atualmente a partir da interação da metropolização do espaço com as relações urbano-rurais. Nestes diferentes arranjos produzidos por uma mesma dinâmica geral, é possível apreender encadeamentos novos de processos já verificados anteriormente, o que não só nos fornece contribuições para análises prévias, como as reconfiguram, ressignificando entendimentos que pareciam definitivos.

Os desenvolvimentos nas relações urbano-rurais em espaços de metropolização

Para efetuar a análise das transformações espaciais nas localidades de Vargem Grande e Barracão dos Mendes a partir das relações entre as relações urbano-rurais e o desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo na fase contemporânea, partimos de uma discussão mais abrangente, alicerçada ao redor do conceito de desenvolvimento, que nos situa em relação às representações dominantes em nossa

sociedade e, conseqüentemente, aos imaginários correspondentes ao espaço urbano e espaço rural.

Mais do que uma simples palavra, a concepção de desenvolvimento serve como parâmetro de diferenciação – e hierarquização – entre as formas de relação com o meio e organização social de diferentes grupos. Ainda que o termo desenvolvimento represente um conceito complexo, imbuído de diferentes acepções e significados, quando o contextualizamos frente às matrizes discursivas em que está envolto, percebemos uma associação quase imanente às configurações que assume enquanto desenvolvimento capitalista.

Parece-nos evidente que o desenvolvimento está associado a ideologias e significações imaginárias sociais, e, desse modo, seus pressupostos estão localizados dentro dos limites do capitalismo. Podemos, ainda, dizer que o desenvolvimento atua como representação do capitalismo enquanto transformação positiva desejada, reafirmando a reprodução ampliada, a dinâmica autoexpansiva e a produção de desigualdades como os preceitos básicos para sua realização. São significados que se tornam “acoplados” ao termo enquanto discurso, uma vez que são produzidos por e dentro de um contexto cultural particular. Desse modo, como parte de um complexo de ideias e concepções, o desenvolvimento encontra-se, ainda, enraizado sob um determinado “solo cultural”.

As possibilidades do conceito são, assim, enclausuradas a determinados pressupostos ancorados nas ideias de progresso (sobretudo um progresso técnico) e crescimento (acima de tudo, um crescimento econômico). Com vista a atingir estes pressupostos, são reafirmadas e legitimadas as práticas que visam atender a dinâmica imposta pela reprodução ampliada do capital. A produção de desigualdades e os diferentes mecanismos de acumulação por espoliação, conforme destacam alguns autores vinculados à perspectiva marxista, são partes constitutivas deste desenvolvimento, sem as quais o mesmo não existe. Tais autores, que vão desde Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo (construindo a perspectiva teórica do Desenvolvimento Desigual e Combinado) até, mais recentemente, Smith, Soja e Harvey (pensando o Desenvolvimento Geograficamente Desigual) conferem novos

significados e possibilidades ao conceito de desenvolvimento a partir de uma perspectiva crítica.

Portanto, partem de uma análise crítica da produção capitalista do espaço, orientada segundo a dinâmica de “sobreacumulação”, ou seja, a partir da produção de excedentes pela reprodução ampliada. A alocação desigual dos excedentes no espaço, por meio das distintas formas de acumulação por espoliação, fragmenta o mesmo, produzindo desenvolvimentos geográficos desiguais. Assim, apropriando-se das crises, o capitalismo constantemente se reinventa, valoriza imaginários em detrimento de outros, reconstrói periodicamente uma nova paisagem sob os rastros da velha, reorienta os fluxos de capital e cria combinações particulares. Representações e símbolos são ressignificados no bojo destas transformações, seguindo as necessidades dos padrões produtivos vigentes.

É a partir das representações e dos símbolos criados que foi construída historicamente a supremacia do urbano sobre o rural. A concepção etapista e economicista de desenvolvimento fez com que o rural fosse associado ao atraso, sendo visto como primitivo e arcaico em oposição ao progresso advindo da urbanização. Muitos autores, mesmo na tradição marxista, previram o fim do campesinato para a formação da tradicional luta de classes entre a burguesia e o proletariado urbano. O espaço rural, representado fundamentalmente como um espaço agrário, estava fadado à dissolução frente a expansão das relações capitalistas de produção.

Encontramos marcas destas relações de poder mesmo nas definições formais que delimitam oficialmente zonas urbanas e rurais. Os Decretos-lei e os parâmetros utilizados para definir o perímetro urbano ou caracterizar áreas rurais ou urbanas de cada município, além de comumente desalinhados com as expressões que percebemos na atualidade, costumam ainda restringir o rural ao “que sobra”, ao que é externo às cidades, ao “outro-que-não-urbano” (CLOKE, 2006, tradução nossa). É interessante perceber que estas definições absolutas – e que entram em contraste com a diversidade de configurações que assumem estes espaços – revelam a alteridade que está presente em suas representações. A definição do rural por exclusão manifesta que este está “presente-ausente” na significação histórica do espaço urbano, ainda que como negação do mesmo.

Acreditamos que a teoria crítica das representações apresentada pelo filósofo francês Henri Lefebvre nos auxilia a entender tal relação contraditória. Em consonância com a perspectiva do autor, empregamos as representações como mediações, buscando não absolutizá-las e nem tratá-las de maneira dissociada das relações sociais. Vindo simultaneamente de dentro e de fora do sujeito, as representações são elementos essenciais na articulação das diferentes escalas em que os processos analisados estão imbricados. É a partir das representações que concebemos de forma conjunta os aspectos materiais e imateriais relativos à produção do espaço.

Vindo simultaneamente de dentro e fora do sujeito, a representação refere-se a um processo imanente à dialética da consciência - abordada por Friedrich Hegel na “Fenomenologia do Espírito” -, ainda que não seja, para Hegel, uma faculdade ou forma de consciência. Ou seja, a representação está fundamentada na contradição intrínseca à tentativa de conhecer a realidade em si mesma. Esta tentativa, por sua vez, se trata de um ato psicológico definido pela dinâmica de exteriorização (EntÄußerung) e interiorização (Erinnerung) do conteúdo do pensamento (MALABOU, 2004, p. 111-112). Como aponta Robert Pippin (2014, p. 14):

[...] como Hegel tenta mostrar, qualquer relação cognitiva possível a objetos deve implicar o “eu” tomando o mundo “para si”, e assim algum tipo de autorrelação, ou de apercepção, entender teoricamente de que maneira um sujeito pode vir a conhecer a si mesmo em sua relação com toda alteridade.¹

Uma vez que estão atreladas à relação psicológica que é estabelecida com a alteridade, as representações são concomitantemente internas e externas ao sujeito. Não existem apenas a partir de uma imposição de fora, com existência independente da constituição de cada sujeito e da história de cada indivíduo, assim como não são produzidas somente pelo sujeito, afastadas das relações sociais e da diferença. Assim, o urbano (enquanto representação) só revela a presença de uma determinada concepção da relação sociedade-natureza na ausência das distintas manifestações

¹ Nas palavras do próprio Hegel: “A consciência de um outro, de um objeto geral é ela própria, necessariamente, consciência-de-si, ser-refletido em si, consciência de si mesmo no seu ser outro” (HEGEL, 1988, p. 127).

espaciais (e vice e versa). A espaço urbana contém o “Outro” nele, simultaneamente retrata e esconde as disputas ideológicas e simbólicas travadas no espaço. É através do rural que o urbano se define, e, assim, o rural está contido no urbano.

As representações atravessam o urbano e o rural, ressignificam as localidades e mediam as relações entre ambos. É assim que, tendo como base a teoria crítica das representações desenvolvida por Henri Lefebvre e o pensamento de Friedrich Hegel - talvez a principal inspiração do autor para estas formulações -, propomos a reflexão sobre a alteridade na produção de representações do urbano e do rural. É da negação do rural que se constrói o primado urbano, um urbano que, por conseguinte, contém o rural enquanto negação em sua própria definição.

O urbano está relacionado às representações do espaço, mas também aos espaços de representação (sendo permeado pelas práticas espaciais). Ainda que produzido desigualmente, incorpora tanto as representações hegemônicas, dos saberes técnicos e racionais, como as locais, do espaço vivido, sejam elas “contra-representações” de resistência ou apenas reproduções dos valores impostos. Esta consciência de que o espaço não é apenas resultado das representações hegemônicas, ou um rebatimento direto dos interesses dominantes, é fundamental para a concepção do mesmo em movimento, aberto e em constante devir. O espaço urbano na concepção lefebvriana, assim, não se restringe ao conjunto de transformações materiais da urbanização. Está associado a uma lógica, a um modo de vida que ultrapassa as fronteiras da cidade e se impõe em escala mundial. Se refere à própria concepção do desenvolvimento capitalista, à reificação e à “mercadificação” de quase todos os aspectos que cercam nossas vidas cotidianas. São as manifestações desta “planetarização do urbano” que percebemos nas localidades de estudo, manifestações estas, que, contraditoriamente, produzem os meios para sua superação. Como lembrava Lefebvre, nossos sonhos, projetos e utopias também derivam das representações do espaço e “no próprio seio do processo negativo da dispersão, da segregação, o urbano se manifesta como exigência do encontro, da reunião, da informação” (LEFEBVRE, 2008, p. 85).

Em um contexto de transformações associadas à universalização do urbano por meio do processo de metropolização do espaço, percebemos hoje uma mescla entre

urbanidades e ruralidades, num cenário de revalorização de certas práticas e de manifestações constantes da integração do espaço pela “lógica da mercadoria”. Surge um “novo rural”, revalorizado em oposição ao “caos urbano” e marcado pelo crescimento do turismo e das atividades não-agrícolas, de forma geral. Torna-se cada vez mais difícil de separar o espaço urbano do espaço rural a partir da “fase de refusão da relação cidade-campo” (MOREIRA, 2005), com espacialidades híbridas, mas simultaneamente fragmentadas e conflituosas.

Em meio à fase de desconcentração industrial e às transformações de tendências neoliberais, cria-se uma urbanização descontínua em áreas rurais, com novos modos de organização social no espaço e, mais especificamente, uma intensa transformação no modo de vida da população a partir de novos serviços, equipamentos e infraestruturas. A chegada de luz elétrica, a presença de novas estradas (e a pavimentação de algumas já existentes), novas linhas de ônibus, serviços de segurança, educação e saúde pública, além de telefone e, mais recentemente, Internet, conferem transformações significativas nas práticas espaciais em ambientes rurais da Zona Serrana. São percebidas alterações expressivas nos hábitos, com a produção de novas necessidades que modificam o modo de trabalho e de lazer nos cotidianos dos espaços rurais. Tais mudanças, como destaca João Rua (2002, p. 53), são fruto do “derramamento’ para áreas rurais, sob a forma de inovações transformadoras/urbanidades, do modo de pensar, agir e produzir urbano.” Se ocorrem transformações no padrão capitalista de acumulação, estas passam pela inserção de espaços diferenciados na lógica dominante do modo de produção, ajustando-os às determinações impostas. Regiões antes esquecidas são revalorizadas, para que se adequem aos novos padrões da transferência geográfica de valor.

Esta tendência de revalorização do rural ocorre com mais expressividade justamente na Região Serrana, notadamente devido às pequenas propriedades agrícolas e ao maior grau de preservação da Mata Atlântica. O avanço do capital imobiliário, como destaca Davidovich (2001), atende à expansão do turismo, do lazer e da segunda residência, configurando uma refuncionalização nesses “espaços da metropolização” a partir da construção de imaginários sobre esses espaços. A

paisagem é vendida como mercadoria de luxo, agregando “pacotes de apelo ao ‘astral alpino’, às ‘montanhas verdes’, ao ‘bucolismo’” (RUA, 2002).

Se adquire destaque, no momento atual, a forte relação entre o capital financeiro e o setor imobiliário, percebemos que esta dinâmica ganha expressividade também para além da metrópole. A expansão do capital imobiliário nas áreas de estudo através dos chamados eixos de “maior adensamento de urbanidades” evidencia a renovação de escoadouros lucrativos para o capital, atrelada a formas atualizadas de espoliação novas maneiras de se explorar a renda da terra.

Neste quadro, o que seria “eixo de urbanidades” que se configura a partir da RJ-130 senão uma fronteira para a expansão destes investimentos e um escoadouro para a fluidez do capital financeiro a partir da ampliação de empreendimentos turísticos e do setor imobiliário? As transformações que ocorrem ao longo da rodovia que liga Teresópolis a Nova Friburgo, sem dúvida atendem à dinâmica imobiliária e expressam as necessidades de expansão da lógica urbana no espaço. Assim, torna-se importante recuperar Neil Brenner, que nos mostra que o rural, o interior ou a hinterlândia “não podem ser reduzidos a meras áreas coadjuvantes de cultivo que deram o suporte necessário para catapultar as operações econômicas principais dos grandes centros populacionais” (BRENNER, 2018, p. 317), mas são espaços continuamente operacionalizados a favor de processos de formações urbanas e estrategicamente centrais à urbanização capitalista. Essa operacionalização se dá, no contexto atual, por meio da metropolização do espaço.

Dessa maneira são produzidas multicentralidades, de acordo com a necessidade de reprodução do capital nos setores imobiliário e financeiro, com infraestruturas produzidas principalmente de acordo com interesses da iniciativa privada. Ao longo do eixo que une Teresópolis e Nova Friburgo, são criadas centralidades locais, áreas com concentração de serviços e atração de investimentos, seja pelo turismo – como no caso de Vargem Grande, que torna-se uma centralidade na região pelos hotéis, serviços, condomínios e casas de veraneio que atendem principalmente à população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro - ou pela provisão de produtos (agrícolas ou não) – como em Barracão dos Mendes, com o abastecimento de produtos agrícolas para áreas próximas e, mais recentemente, pela

presença de lojas de materiais de construção para provimento das obras que se avolumam nos dois municípios.

Chegamos assim, ao que consideramos as evidências da metropolização do espaço para além da metrópole, “urbanidades” que alteram profundamente os hábitos e costumes da região. Dentre elas, destacamos no trabalho a elevação do preço da terra, cada vez mais concebida enquanto ativo financeiro, a alteração no padrão da renda familiar, cada vez menos decorrente da atividade agrícola, e as representações do espaço, cada vez mais transformadas e ressignificadas em virtude da redefinição das relações urbano-rurais pela metropolização do espaço. Tais fatores estão intrinsecamente correlacionados, associados também à reorganização econômica das localidades em função da atividade turística, dos empreendimentos imobiliários e do crescimento de atividades não-agrícolas em geral.

Na Região Serrana, especialmente em áreas rurais, é nítida a elevação do preço da terra e a crescente percepção da propriedade enquanto possibilidade de obtenção de renda com a especulação ou a venda. Constata-se um crescimento expressivo no Valor da Terra Nua em diversos municípios que compõem a região, com destaque para Nova Friburgo e Teresópolis. É possível perceber com semelhante clareza o aumento nos preços dos lotes de terra, que, em muitas áreas rurais, passa a assumir parâmetros urbanos. Em muitos casos, inclusive, a própria mensuração da terra a partir de metros quadrados (e não mais hectares) já revela a concepção da mesma através de outra perspectiva. A elevação do preço da terra, que passa a ser definido a partir de padrões urbanos numa área tradicionalmente rural e agrícola, afeta desigualmente a população, constituindo-se em benefício para um grupo minoritário, sobretudo pelas possibilidades de especulação, mas impactando negativamente outros grupos (meeiros, arrendatários, posseiros, assentados, entre outros). Acreditamos que tal elevação constitua-se numa manifestação de um movimento mais amplo de exclusão do acesso à terra, a partir da forte especulação imobiliária presente em grande parte do estado do Rio de Janeiro.

O padrão da renda familiar, cada vez menos decorrente da atividade agrícola, também pode ser um importante indicador das transformações recentes, vinculadas à metropolização do espaço. Assim como o preço da terra, alterações neste indicador

tornam-se problemáticas para certos grupos sociais, uma vez que as relações sociais na família transformam-se profundamente a medida que certas atividades perdem importância em detrimento de outras. A diversificação das atividades e o crescimento de atividades não-agrícolas a partir, notadamente, do setor de serviços, além de exigir a modificação de atividades realizadas para a obtenção de renda, afeta desigualmente os proprietários e os não-proprietários. Ademais, merece destaque a relação entre o crescimento de atividades não-agrícolas na região e a elevação do preço da terra, onde a diversificação das fontes de obtenção de renda explica em grande medida a precificação da terra em parâmetros urbanos, o que impossibilita a manutenção de atividades mais tradicionais.

Por fim, a transformação das representações do espaço em virtude da reconfiguração das relações urbano-rurais também se revela uma mudança determinante na Região Serrana Fluminense. As representações estão presentes desde as definições formais e delimitações político-administrativas de urbano e rural, que separam estes espaços e hierarquizam seus distintos conteúdos sociais por meio de assimetrias de poder, até as relações alienantes que se constituem pela generalização de um modo de vida pautado na mercadoria, que afasta o indivíduo da terra e de si mesmo e retira-lhe algumas de suas potencialidades. A reinvenção da natureza e a relação dialética entre urbanidades e novas ruralidades que se constitui não deixam de constituir representações, pautadas em um conjunto de imaginários e símbolos associados à ideia de desenvolvimento.

O que percebemos, na prática, são verdadeiras metamorfoses nos espaços rurais atreladas a representações e imaginários por vezes extremamente enganadores com relação à vida que de fato ali ocorre. São representações que, portanto, se afastam do real (alienam) e transformam estas localidades em refúgios da “crise do urbano”, quando, na verdade, são as mudanças, elas mesmas, resultados do urbano, urbanidades no rural. As “ruralidades dos urbanos”, forjadas e idealizadas, se afastam do conteúdo social do rural, carregando, nelas próprias, códigos de comportamento urbano-metropolitanos e um espaço rural mercadificado. O rural idealizado e transformado em mercadoria é, assim, um rural subtraído dos “elementos que podem

ser essenciais à preservação de valores simbólicos que os caracterizam e lhes dão sentido.”

Considerações Finais

Constatamos a partir da pesquisa realizada que estes fatores destacados em meio à infinidade de transformações atuais estão intrinsecamente relacionados. O preço da terra, que continua apresentando elevados índices de crescimento nos dois municípios – seja nos dados referentes ao Valor da Terra Nua ou nos lotes de terra/terrenos à venda -, não pode ser dissociado do conjunto de representações que são criadas sobre os espaços rurais, redirecionando os fluxos de investimentos através do mercado imobiliário, do turismo e do veraneio, assim como está irrefutavelmente relacionado com a proliferação de atividades não-agrícolas nestes espaços e a decorrente transformação no padrão da arrecadação familiar em virtude das mesmas. De forma semelhante, a reorganização econômica das localidades em decorrência de novos empreendimentos influencia na redefinição dos preços segundo padrões urbanos e na reconstrução de representações do espaço dos habitantes em função de códigos de comportamento urbano-metropolitanos. Vargem Grande e Barracão dos Mendes, nesse sentido, aparecem como exemplos da heterogeneidade dos “espaços em metropolização”, representando em diferentes espaço-temporalidades as mudanças nas relações entre rural e urbano.

Vinculada à reinvenção do capitalismo está a reinvenção do rural e a decorrente ressignificação da agricultura. As transformações espaciais, entretanto, manifestam-se no lugar, na escala do cotidiano. Assim, é injetado no cotidiano o que Halfacree (2007, p. 125) chama de “um desafio espacial politicamente radical”. Como mostra o autor, um dos elementos primordiais do pensamento de Lefebvre é a tentativa de transcender o dualismo entre concebido/abstrato e percebido/concreto para incorporar sua personificação como vivido. É no cotidiano - ou nos “cotidianos rurais” -, por mais subjetivo e diverso que seja, que encontramos a apropriação e a subversão do contraditório modelo de desenvolvimento que é imposto por meio das representações hegemônicas. Precisamos dar a devida atenção para as “ruralidades conflitantes”, para as diferentes concepções de espaço existentes. Ou seja, como

aponta Halfacree, precisamos valorizar o aspecto subversivo da dimensão da vida no cotidiano do espaço rural.

Dessa forma, o relato dos diferentes sujeitos envolvidos no processo nos ajuda a compreender as contradições inerentes às relações urbano-rurais, o que representa o grande desafio acadêmico de entender as novas dinâmicas territoriais, com a difusão da racionalidade do urbano e a conseqüente ressignificação do rural na acumulação via espoliação. As práticas sociais e os valores identitários expressam a complexidade das mudanças, resultados da relação dialética entre integração e ruptura que evidenciamos. A desigualdade de forças com que se dá o processo, por sua vez, exprime a necessidade de uma análise que contemple variadas escalas, assim como as diversas dimensões e mecanismos de exercício de poder. A partir do local, do cotidiano, devemos agregar novas utopias, buscar o nexo aglutinador entre as lutas particulares (HARVEY, 2004) e valorizar o espaço pela sua multiplicidade, uma vez que o mesmo está sempre em devir, ou seja, é constantemente produzido pelas relações sociais.

Referências

AGUEDA, Bernardo C. **Relações urbano-rurais e desenvolvimentos geográficos desiguais**: transformações espaciais nas localidades de Vargem Grande (Teresópolis-RJ) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo-RJ). 264 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, PUCRio, Rio de Janeiro (RJ), 2019.

BRENNER, Neil. **Espaços da Urbanização**: O urbano a partir da teoria crítica. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018.

CIAVATTA, Maria. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (Orgs.) **Teoria e educação no labirinto do capital**. São Paulo: Editoria Expressão Popular, 2014.

CLOKE, Paul. Conceptualizing rurality. In: CLOKE, Paul; MARSDEN, Terry and MOONEY, Patrick H. **Handbook of Rural Studies**. Sage Publications, 2006.

DAVIDOVICH, Fany. Estado do Rio de Janeiro: Singularidade de um contexto territorial. **Revista território**, Rio de Janeiro, Ano 5, n. 9, pp. 9- 24, 2000.

HALFACREE, Keith. Trial by space for a ‘radical rural’: introducing alternative localities, representations and lives. **Journal of Rural Studies**, 2007.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. Editora Vozes Ltda., Rio de Janeiro, 1988. Tradução de Paulo Meneses.

LEFEBVRE, Henri. A cidade e o urbano. In: LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 79-88 (LEFEBVRE, Henri. La ciudad y lo urbano. In: LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, p. 63-71.)

LENCIONI, Sandra. Totalidades e Tríades: compreendendo o pensamento de Lefebvre. In: LENCIONI, Sandra. **Metrópole, Metropolização e Regionalização**. 1. Ed – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

LENCIONI, Sandra. Metrópole e sua lógica atual face ao regime de acumulação patrimonial. In: LENCIONI, Sandra; BLANCO, Jorge (Orgs.). **Argentina e Brasil: territórios em redefinição**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

MALABOU, Catherine. **The Future of Hegel**: Plasticity, Temporality and Dialectic. Routledge, 2004.

MÉSZÁROS, István. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Campo e Cidade no Brasil Contemporâneo**. Simpósio: Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização. São Paulo, 2005.

PIPPIN, Robert B. **Você não pode chegar lá a partir de cá**: problemas de transição na Fenomenologia do Espírito de Hegel. In: BEISER, Frederick C. (Org.). Hegel. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. Tradução de Guilherme Rodrigues Neto.

RUA, João. No Estado do Rio de Janeiro: O lugar de um lugar rural em um espaço de metropolização. In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia. **O espaço e a metropolização**: Cotidiano e ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

RUA, João. Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Infobook Ltda, 2002. 208 p.

Recebido em 02 set. 2020;
aceito em 20 set. 2020.